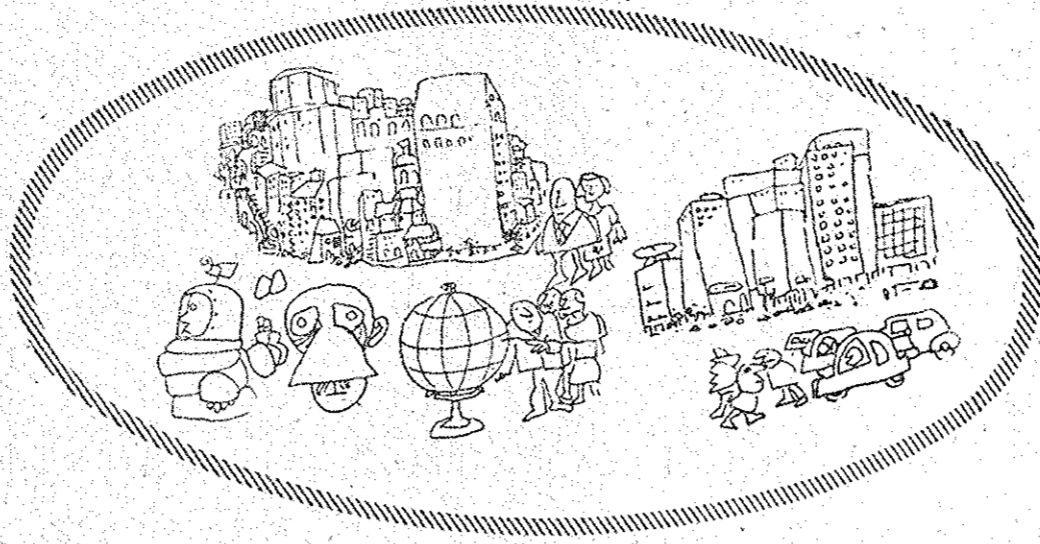


Nossa metrópole



ESTE É O TEMPO

Desta vez parece que o tempo irá mesmo firmar, sem surpresas, nas quais ou sobra o guarda-chuva, sempre incômodo quando não utilizado, ou falta a capa, para enfrentar chuvas inesperadas. Pelo jeito o fim de semana será tranquilo, bom para a praia. Para consolidar o tempo, teremos ventos do quadrante sul, assegurando noite amena.

O pouco tempo do nosso carnaval

CURSO DE NATAÇÃO

O curso de aprendizagem de natação promovido pelo DEFE vai começar na semana que vem — 2 de janeiro — com a participação de 360 crianças de 16 a 18 anos. Os alunos receberão aulas diárias de professores especializados, até o dia 24 de janeiro. Depois receberão diploma, sabendo flutuar, mergulhar para apagar objetos e saltar do trampolim.

— Vocês querem fazer carnaval em São Paulo? Parece que não, com esse atraso.

Miguel Loureiro, membro da equipe dos arquitetos Rubem Rocha e José Latuf Damião, é um dos que temem o esvaziamento do nosso carnaval de rua por falta de tempo para decorar as vias públicas. Eles venceram a concorrência do projeto para a decoração, com o tema Carnaval pra frente.

Ontem foi a segunda concorrência, para saber quem iria executar a idéia. A Secretaria do Turismo resolveu não aceitar as propostas apresentadas e marcou uma nova data.

CARNAVAL, URGENTE

Muita gente quer arregaçar as mangas para enfeitar a cidade com o Carnaval pra Frente. Anhangabaú, Viaduto do Chá, praça Ramos, avenida São João e Parque do Ibirapuera, arcos, postes, figuras estilizadas, estrêlas. Tudo isso com muita iluminação, principalmente no Anhangabaú, que será a avenida Rio Branco carioca dos paulistas.

Cinco horas da tarde na Secretaria de Turismo. Os concorrentes nervosos. Durante o julgamento das propostas, apartes dos presentes e discussões sobre os termos do edital da concorrência. No final, a decepção.

O secretário do Turismo, Paulo Henrique Meinberg, resolveu anular as propostas e marcou nova data. Dia 7 de janeiro, as oito firmas que se apresentaram deverão voltar com novos orçamentos.

As duas firmas vencedoras de ontem seriam a CTER — Consultores Técnicos, Engenharia e Representações Ltda. — e a Construtora Caruso. Mas elas ultrapassaram o orçamento previsto pela Secretaria

do Turismo, que é de 400 mil novos, para dar ao paulistano o carnaval de rua que ele já esqueceu há muitos anos.

DA ARTE DE ENFEITAR

O quartel-general da folia paulista fica num 5.º andar da Secretaria do Turismo, na praça da República. Ali, a Comissão Executiva do Carnaval coordena todo o calendário e as diversas comissões menores: escolha do Rei Momo, Rainha do Carnaval Paulista, Escolas de Samba, I Festival de Música do Carnaval, I Salão de Música carnavalesca. Esse salão vai contar com o Museu da Imagem e do Som Carioca, para fazer uma retrospectiva da festa mais popular do Brasil.

O mais difícil mesmo é enfeitar a cidade. A firma vencedora vai ter problemas: planejar o trânsito, estudar a segurança dos palanques, calcular o lugar certo para perfurar o solo sem danificar as redes de energia e telefones. Tudo isso em tempo super-rápido, mobilizando centenas de operários e máquinas.

Por isso há apenas oito concorrentes, firmas especializadas. No meio da corrida para o carnaval, está um carioca. Lito Cavalcanti veio voando do Rio de Janeiro, trazendo vasta bagagem de prêmios na execução de decorações e uma equipe caalejada.

— É preciso criar um ambiente carnavalesco, jogar com a comunicação de massa. Assim o paulista terá seu carnaval de rua, em vez de fugir para a Guanabara ou para o litoral.

Ele é um dos insatisfeitos. Sua proposta estava dentro dos limites estabelecidos pela Secretaria do Turismo. Apesar de o tempo estar esgotando-se, Lito e os outros concorrentes esperam pelo próximo julgamento.

GREVE DA PERUS: HISTÓRIA DO ÊXITO DA NÃO VIOLÊNCIA — II

Os grevistas que não aceitaram os acordos propostos pelo empregador são chamados pelos outros de queixadas porque estão sempre unidos e onde está um, estão todos.

São cerca de quinhentas famílias vivendo numa cidade de 25 km de São Paulo, pela estrada de Campinas, em casas cujos telhados são todos da cor de cimento pelo pó que cai dia e noite, carregado pelo vento. As casas têm de ficar permanentemente com as portas e janelas fechadas, a água é de um rio sujo, para quem não tem poço. As roupas lavadas, depois de secas, têm que ser batidas para tirar o pó que vem da fábrica.

A situação característica dos operários da Perus, principalmente dos 501 empregados estáveis afastados do serviço desde 1962, é como a de Antônio Batista da Silva, que tem 22 anos de casa, incluindo os seis parados e era guarda de trem, ganhando 96 cruzeiros velhos por hora.

Antônio Batista da Silva tem 10 filhos, sendo que a caçula nasceu durante a greve de sessenta e dois. Durante este tempo parado passou por dificuldades horribes, apesar de trabalhar em vários servicinhos de quebragalho como servente de pedreiro, corte de lenha.

— Já fiz de tudo menos roubar e matar! diz o operário com um sorriso sofrido e maroto. Quero voltar ao trabalho que interrompi numa manhã, impedido por policiais que guardavam a fábrica.

Conta que sua mulher tinha ido comprar o pão, como todos os dias. Voltando disse ao marido que "a fábrica estava cheia de polícia".

— Mas no meu horário eu vou até lá. Quando chego lá, não posso mais trabalhar. — No começo, havia a caixinha do Sindicato que ajudou as famílias dos desempregados. O dr. Mário foi dono de muito dinheiro próprio, vendendo automóvel, escritório, terreno e outros meios. Mas quando não tinha mais o que vender ele disse pra nós: Oi turma, vocês dão um jeito de arranjar uns quebra-galhos. Nós já tá acostumado com essas coisa.

Sua mulher corrige: — Acostumado nós tá, mas continuá desse jeito não dá pé não. Pra o sinhô vé, nós esperamo muito. Batizemo agora, faz uns dias,



Este operário será reintegrado dia 7 de janeiro na Perus

nossa filha com mais de seis anos, porque a gente tava esperando o fim da greve.

Os pescoço — operários que entraram na fábrica depois da greve para preencher os lugares dos grevistas — tão é com medo de perdê o lugar quando nós voltá. Eles dizem que nós não vai deixá. Eles fazem até mabumba. Mas a fábrica não tá com o pessoal completo e da turma que vai voltá só tem a metade dos que saíram em 62.

Os queixadas ajudam uns aos outros, nas maiores dificuldades e acompanham juntos todo o desenrolar do processo. Confiam no Sindicato e no dr. Mário, a quem respeitam não só como advogado, mas como homem de coragem, de iniciativa e de inabalável força de vontade.

GREVES

Duas foram as greves de vulto na Perus. São conhecidas como a de 58 e a de 62.

Em 1958, no mês de outubro, decidia-se o reajuste salarial. Os quatro sindicatos das fábricas do grupo J.J. Abdalla — Usina Miranda de Pirajui, Tecelagem Japy de Jundiá, Fábrica de Papel Carioca da Vila Maria-SP, e Companhia de Cimento Perus, de Perus, se reuniram e decidiram por 30% de au-

mento, com exceção do sindicato da Perus que quis submeter à apreciação dos operários a majoração oferecida.

Os trabalhadores decidiram aceitar 30%, com a condição de que o preço do saco de cimento não fosse elevado em Cr\$ 20,00 como pretendia o truste do cimento, pois estes sabiam que um aumento de Cr\$ 3,00 seria o suficiente para atender ao aumento de salário.

Caso contrário, exigiriam um aumento de 40% já que as empresas iriam ganhar sete vezes mais do que o aumento concebido aos empregados. A direção da empresa não aceitou e, no dia 15 de outubro, foi deflagrada a greve. Só no dia 29 de novembro houve o acordo com a mediação de D. Vicente Zioni e do vereador Joaquim Monteiro de Carvalho.

Lances dramáticos ocorreram. As esposas dos trabalhadores integraram a luta não violenta e a população em geral compreendeu as razões da greve diferente e a polícia respeitou o exercício legal do direito de greve. Os operários da Perus conseguiram receber um aumento de 40%, enquanto os dos outros sindicatos do grupo J.J. Abdalla ficaram com os 30%. Não houve punição e todos os dias de greve foram pagos.

PREFEITURA INTEGRALIZARÁ QUOTAS DO METRÔ E CMTC

A Prefeitura poderá realizar as quotas de integralização de aumento do capital social da Companhia do Metropolitanano e da CMTC, subscritas, inclusive as ainda não totalmente efetivadas. A integralização será em moeda corrente ou em apólices reajustáveis do Tesouro Municipal, pelo valor da cotação da Bolsa de Valores.

Para essa operação, o Executivo já conta com a autorização da Câmara Municipal, em virtude da aprovação, por decurso de prazo, de projeto de lei que o Prefeito transformou em lei na data de ontem.

O pedido de autorização se fundamenta no fato da Prefeitura possuir apólices emi-

tidas e lançadas ainda por colocar, e na conveniência das mesmas serem utilizadas para a realização das quotas de capital, já subscritas e ainda não totalmente realizadas. A autorização vem possibilitar, assim, a aplicação do numerário correspondente em outras finalidades.

PRONTO-SOCORRO

O Prefeito recomendou ao Secretário de Obras, providências urgentes para não haver atraso na entrega do Pronto-Socorro de São Miguel Paulista. O sr. Faria Lima quer inaugurá-lo no dia 31 deste mês.



SEPULTURA TEM PREÇO

O cemitério de Vila Nova Cachoeirinha já pode funcionar. Já foram fixados os preços para sepultamento e o valor das taxas para conservação dos terrenos, por prazo de 5 a 25 anos. Quem quiser que o corpo fique enterrado por 5 anos, em sepultura de 3,68 m² ou de 5,92 m², pagará NCr\$ 26,50 ou NCr\$ 38,00 anuais, respectivamente. Por 25 anos, pagará NCr\$ 88,50 ou NCr\$ 127. Para a conservação, há uma taxa de NCr\$ 4,50 ou de NCr\$ 6,50, conforme a dimensão da sepultura. O decreto assinado ontem pelo Prefeito estabelece os preços para os jazigos construídos pela Prefeitura: 4 gavetas, NCr\$ 120,00; 5, NCr\$ 150,00; 6, NCr\$ 180,00; 8, NCr\$ 240,00; e 10, NCr\$ 300,00, num prazo de 5 anos.



A anulação das propostas causou decepção

SUNAB CONTROLA O ATACADO

Aguarda-se para as próximas horas portaria do delegado regional da SUNAB, constituindo equipes incumbidas de proceder o levantamento dos hortigranjeiros na esfera do atacado. Quem baixou a determinação foi o superintendente do órgão controlador, sr. Enaldo Cravo Peixoto, impressionado com as flutuações dos preços nos dois maiores centros de consumo, São Paulo e Guanabara.

A coleta dos elementos será feita estrategicamente nos mercados distritais da Lapa, São Miguel Paulista, Ipiranga e Pinheiros. Como local de operações, no centro, o Mercado Central servirá para essa tomada de preços. O ato baixado na Guanabara confere aos funcionários plenos poderes para intervir no domínio econômico, coligir os informes

solicitados tanto nos centros de distribuição como nas origens.

Em última análise, o Governo deixa bem claro que ninguém poderá sonegar informações aos funcionários da SUNAB, sob risco de severas sanções. O delegado Vespasiano Consiglio pretendia, inicialmente, conferir a missão aos elementos do Departamento de Estudos e Pesquisas. Todavia, para executar trabalho de maior profundidade, irá designar economistas familiarizados com o problema, que deverão apresentar o resultado desse trabalho no mais rápido espaço de tempo possível para que seja elaborada uma tabela de preços.

MUITO ABUSO

As ordens recebidas pela delegacia paulista são taxa-

tivas: apresentar sugestões e medidas capazes de frear os abusos que se estão verificando na comercialização dos hortigranjeiros. Um quilô de tomates chega a custar NCr\$ 1,20 nas feiras-livres, um maço de brócolo NCr\$ 0,50, em plena estação, enquanto que os ovos, com a aproximação das festas, sofreram aumento acima de 20%. O produto do tipo inferior de NCr\$ 0,90 subiu para 1,80, com elevação exata de 100%.

O controle será geral, na esfera atacadista. A respeito, o sr. Vespasiano Consiglio explicou que, segundo instruções que recebeu a semana passada na SUNAB central, quem não se ajustar ao esquema governamental de contenção do custo de vida será alvo das medidas contidas no Ato Institucional número 5.